

LIÇÃO 10 - Todas as Coisas Têm uma Única Substância?

Todas as Coisas Têm os Mesmos ou Diferentes Princípios?

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 4: 999b 20-1000a

“ 245. Novamente, há o problema se todas as coisas, por exemplo, todos os homens, têm uma única substância.

246. Mas isso é absurdo; pois nem todas as coisas cuja substância é uma são elas mesmas uma, mas são muitas e diferentes. Mas isso também é insustentável.

247. E, ao mesmo tempo, há o problema de como a matéria se torna cada uma das muitas coisas e um todo concreto.

248. E, novamente, poder-se-ia também levantar este problema sobre os princípios. Pois, se eles são especificamente um, não haverá nada que seja numericamente um. Nem a própria unidade e o ser serão um. E como haverá ciência a menos que haja alguma unidade em todas as coisas?

249. Mas, por outro lado, se eles são numericamente um, cada um dos princípios também será um, e não como no caso das coisas sensíveis, diferentes para coisas diferentes; por exemplo, se a sílaba ba é tomada como uma espécie, seus princípios em cada caso são especificamente os mesmos, pois são numericamente diferentes. No entanto, se não é assim, mas as coisas que são os princípios dos seres são numericamente uma, não haverá nada além dos elementos. Pois não faz diferença se dizemos "numericamente um" ou

"singular", porque é dessa maneira que dizemos que cada coisa é numericamente uma. Mas o universal é o que existe nestes. Por exemplo, se os elementos de uma palavra fossem limitados em número, teria que haver tantas letras quantos são os elementos. Na verdade, dois deles não seriam os mesmos, nem mais de dois.

COMENTÁRIO

Q. 11: Há uma ou muitas formas e princípios das coisas?

456. Tendo perguntado quais são os princípios e se alguns são separados da matéria, o Filósofo agora pergunta como são os princípios. Primeiro (245:C 456), ele pergunta se os princípios são um ou muitos; segundo (287:C 519), se existem em potência ou ato ("E ligados a estes problemas"); e terceiro (290:C 523), se são universais ou coisas singulares ("E há também o problema").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro (245:C 456), investiga como os princípios se relacionam com a unidade; e segundo (266:C 488), qual relação a unidade tem com a noção de princípio ("Mas o mais difícil").

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, investiga especialmente sobre o princípio formal: se todas as coisas que são especificamente as mesmas têm uma única forma. Segundo (248:C 460), faz a mesma pergunta sobre todos os princípios em geral ("E também se poderia"). Terceiro (250:C 466), pergunta se as coisas corruptíveis e incorruptíveis têm os mesmos princípios ou diferentes ("Há também o problema").

Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, apresenta o problema. Segundo (246:C 457), debate-o ("Mas isso é absurdo").

O problema (245), então, é se todas as coisas que pertencem à mesma espécie, por exemplo, todos os homens, têm uma única substância ou forma.

457. Mas isso é absurdo (246).

Então ele apresenta argumentos de um lado da questão, para mostrar que todas as coisas pertencentes a uma espécie não têm uma única forma. Ele faz isso por meio de dois argumentos, o primeiro dos quais é assim: As coisas que pertencem a uma espécie são muitas e diferentes. Portanto, se todas as coisas que pertencem a uma espécie têm uma única substância, segue-se que aquelas que têm uma única substância são muitas e diferentes. Mas isso é irracional.

458. E ao mesmo tempo (247)

Então ele apresenta o segundo argumento, que é assim: Aquilo que é uno e indiviso em si mesmo não se combina com algo dividido para constituir muitas coisas. Mas é evidente que a matéria se divide em diferentes coisas singulares. Logo, se a substância no sentido de forma é uma e a mesma para todas as coisas, será impossível explicar como cada uma dessas coisas singulares é uma

matéria que possui uma substância do tipo que é una e indivisa, de modo que, como coisa singular, é um todo concreto com duas partes: uma matéria e uma forma substancial que é una e indivisa.

459. Ele não argumenta o outro lado da questão, porque os mesmos argumentos que foram apresentados acima sobre a separabilidade dos universais são aplicáveis na investigação que se segue contra os argumentos que acabamos de dar. Pois, se existe um universal separado, deve-se sustentar que as coisas que têm a mesma espécie têm uma única substância numericamente, porque um universal é a substância das coisas singulares. Ora, a verdade desta questão será estabelecida no Livro VII (588:C 1356) desta obra, onde se mostra que a quiddidade ou essência de uma coisa não é outra além da própria coisa, exceto de modo accidental, como será explicado nesse lugar.

460. E também se poderia (248).

Aqui ele levanta uma dificuldade sobre a unidade dos princípios em geral: se os princípios das coisas são os mesmos numericamente, ou apenas os mesmos especificamente e numericamente distintos. E quanto a isso ele faz duas coisas. Primeiro, apresenta argumentos para mostrar que eles são os mesmos numericamente. Segundo (249:C 464), ele argumenta do outro lado da questão (“Mas, por outro lado”).

Quanto ao primeiro (248), ele apresenta três argumentos; e introduz o problema, dizendo que a mesma questão levantada sobre a substância pode ser levantada sobre os princípios em geral, i.e., se os princípios das coisas são os mesmos numericamente.

461. Ele apresenta o primeiro argumento para mostrar que eles são os mesmos numericamente. Pois as coisas compostas de princípios contêm apenas aquilo que recebem desses princípios. Portanto, se os princípios não são encontrados como um numericamente, mas apenas especificamente, as coisas compostas desses princípios não serão um numericamente, mas apenas especificamente.

462. O segundo argumento é assim: a própria unidade ou o próprio ser deve ser numericamente uno. E por própria unidade ou próprio ser ele significa a unidade ou ser em abstrato. Logo, se os princípios das coisas não são um numericamente, mas apenas especificamente, seguir-se-á que nem a própria unidade nem o próprio ser subsistirão por si mesmos.

463. O terceiro argumento é este: a ciência tem das coisas porque se encontra um uno-em-muitos, como o homem em comum é encontrado em todos os homens; pois não há ciência das coisas singulares, mas da unidade [i.e., atributo comum] encontrada nelas. Além disso, toda ciência ou cognição das coisas que são compostas de princípios depende do conhecimento desses princípios. Se, então, os princípios não são um numericamente, mas apenas especificamente, seguir-se-á que não há ciência dos entes.

464. Mas, por outro lado (249).

Aqui ele argumenta o lado oposto da questão da seguinte maneira. Se os princípios são numericamente um, de modo que cada um dos princípios considerados em si mesmo é um, será

impossível dizer que os princípios dos seres existem da mesma forma que os princípios das coisas sensíveis. Pois vemos que os princípios de diferentes coisas sensíveis são numericamente diferentes, mas especificamente os mesmos, assim como as coisas das quais eles são princípios são numericamente diferentes, mas especificamente as mesmas. Vemos, por exemplo, que sílabas que são numericamente distintas, mas concordam em espécie, têm como seus princípios letras que são as mesmas especificamente, embora não numericamente. E se alguém dissesse que isso não é verdade para os princípios dos seres, mas que os princípios de todos os seres são os mesmos numericamente, seguir-se-ia que nada existe no mundo exceto os elementos, porque o que é numericamente um é uma coisa singular. Pois o que é numericamente um chamamos de singular, assim como chamamos de universal o que está em muitos. Mas o que é singular é incapaz de ser multiplicado, e é encontrado apenas como um singular. Portanto, se for sustentado que as mesmas letras numericamente são os princípios de todas as sílabas, seguir-se-á que essas letras nunca poderiam ser multiplicadas de modo que houvesse duas delas ou mais de duas. Assim, *a* não poderia ser encontrada nestas duas sílabas diferentes *ba* ou *da*. E o argumento é o mesmo no caso de outras letras. Portanto, pelo mesmo raciocínio, se os princípios de todos os seres são numericamente os mesmos, seguir-se-á que não há nada além desses princípios. Mas isso parece insustentável; porque quando um princípio de qualquer coisa existe, ele não será um princípio a menos que haja algo mais além de si mesmo.

465. Ora, esta questão será resolvida no Livro XII (2464); pois será mostrado lá que os princípios que as coisas têm, a saber, matéria e forma ou privação, não são numericamente os mesmos para todas as coisas, mas analogicamente ou proporcionalmente os mesmos. Mas aqueles princípios que são separados, isto é, as substâncias intelectuais, das quais a mais elevada é Deus, são cada uma numericamente uma em si mesmas. Ora, aquilo que é um em si mesmo e no ser é Deus; e dEle é derivada a unidade numérica encontrada em todas as coisas. E há ciência destes, não porque sejam numericamente um em tudo, mas porque em nossa concepção há um em muitos. Além disso, o argumento que é proposto em apoio ao lado oposto da questão é verdadeiro no caso dos princípios essenciais, mas não no caso dos separados, que é a classe à qual pertencem a causa agente e a final. Pois muitas coisas podem ser produzidas por um único agente ou causa eficiente, e podem ser dirigidas a um único fim.

Revision #3

Created 7 September 2026 16:39:33 by Admin

Updated 13 September 2026 13:57:00 by Admin